
O COLONIZADO VAI À ESCOLA DO COLONIZADOR: REFLEXÕES SOBRE AS IMAGENS EM UM LIVRO DIDÁTICO DA ESCOLA COLONIAL FRANCESA NA ARGÉLIA

Mailsa Carla Pinto Passos¹

Renata Bastos Santos Champliau²

"Sou suspeito para os nacionalistas dos dois lados. Para uns, meu erro é não ser suficientemente patriota. Para os outros, sou patriota demais. Não amo a Argélia à maneira de um militar ou de um colono. Mas será que posso amá-la de outro modo que não como francês? O que muitos árabes não compreendem é que a amo como um francês que ama os árabes e deseja que, na Argélia, eles estejam em sua terra sem que por isso ele mesmo se sinta estrangeiro."

Albert Camus

O material que este artigo se propõe a analisar faz parte do acervo do *Musée National de L'Éducation* do *Centre de Ressources et de Recherche* do *Institut National de Recherche Pédagogique – INRP*, da cidade de Rouen, na França. Nosso objetivo é analisar um conjunto de imagens/gravuras de um livro didático *La lecture liée au langage*, produzido para servir à escola colonial francesa na Argélia, na década de 50, no período pré-independência. Nossa leitura dessa obra concentra-se não só nas imagens, mas no diálogo entre as imagens e os textos escritos, já que entendemos que em um livro didático existe uma dinâmica de complementariedade entre esses dois tipos de tecnologia.

O poder colonial historicamente utilizou-se de diferentes mecanismos para fazer com que seu sistema funcionasse na reprodução da ideologia do colonizador. Dentre estes diversos discursos que servem aos interesses do império colonial estão também os que circulam dentro da escola que teve como uma das funções garantir a perpetuação da exploração do colonizador através da circulação de discursos legitimadores de seu poder, da inculcação no colonizado de um sentimento de cidadania de segunda ordem, da imposição de uma língua estranha. Este texto pretende tratar de discursos como estes.

1 Doutora em Educação ; professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, membro do Laboratório Educação e Imagem, da UERJ.

2 Graduada em Letras; Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Estes textos nos quais se articulam palavras e imagens e que têm o livro didático como suporte, nos provocam a refletir sobre como a voz colonial se impôs no processo de formação das crianças nas colônias.

O conhecimento desse projeto colonial e a análise de determinados discursos produzidos para a criação de uma alteridade e a invenção de maneiras de representar e controlar este “outro” são fundamentais para a compreensão daquilo que enunciam essas vozes silenciadas pelo sistema colonial.

Neste estudo as imagens nos permitem refletir sobre o que está sendo ensinado nos livros paralelamente ao ensino da língua do colonizador. Essas imagens nos permitem compreender o uso político que foi feito do material que as contêm, ou seja, as intenções políticas que permearam tanto a sua produção quanto a disseminação das mesmas.

COLONIZADO E COLONIZADOR: JOGOS DE ESPELHOS E DE IMAGENS

Temos já há algum tempo nos ocupado em estudar as relações entre colonizador e colonizado, tendo como foco contextos pós-coloniais, realizando uma escuta atenta daquilo que os indivíduos têm a nos contar sobre sua própria história, suas práticas e seus processos de transmissão cultural. Entretanto, acreditamos que estudar as relações pós-coloniais não significa que tenhamos superado as relações coloniais.

Sabemos que narrar é enunciar, apropriando-se das palavras que circulam carregadas dos significados socialmente construídos, não pertencendo a narrativa somente a um, mas a um conjunto de indivíduos socialmente organizados. Entretanto, tomar a palavra e narrar tem a ver com saber e com poder. É preciso estar autorizado para tanto. Os discursos coloniais silenciaram os colonizados, narrando-os como alteridade para eles mesmos, disseminando a idéia de que suas práticas e sua cultura eram exóticas, bárbaras.

Assim, interessa-nos neste conjunto de imagens discutir esta lógica do processo colonial, tendo como *locus* imagens e textos presentes em livros didáticos de leitura e escrita, procurando entender como o ensino da língua engendra um ponto de vista sobre a cultura do “outro” e a imposição de valores e de identidades. Isso tudo produzido dentro da escola colonial francesa na Argélia no início da década de 50 – um pouco antes de deflagrada a luta pela independência, em 1954.

Preocupamo-nos em compreender em que medida as narrativas da ação colonizadora/civilizatória, vão dando pistas da *descivilização* do colonizador, pistas da ignorância do colonizador em relação a este “outro” que ele encontra em território norte-africano. Em meio a todas as formas brutais de tentativa de alienação do colonizado, torna-se também aquele que domina um alienado, o que ratifica a idéia de que a colonização é prejudicial para ambas as partes. Memmi (1977) lembra que tanto para os colonizados como para os colonizadores, as perdas são grandes, tornando-se um e outro vítimas do processo colonial, que afinal só faz sentido na relação entre os dois.

A ESCOLA DO COLONIZADO E A ESCOLA DO COLONIZADOR

No filme “A batalha de Argel”, o cineasta Gilo Potencorvo representa uma aula acontecendo em uma escola árabe em Casbah, o maior bairro popular de Argel. A passagem é rápida, mas é possível ver crianças sentadas no chão, organizadas em um semi-círculo, em torno de um professor árabe - que enuncia trechos que são repetidos pelos alunos. Essa passagem, nos remete a algumas características da escola árabe na Argélia, ou seja, aquelas que não só precederam a escola colonial francesa, mas que coexistiram com ela. É por isso que essa imagem ecoa quando nos colocamos a analisar as que compõem o material de que trataremos a seguir.

A escola foi um dos elementos da máquina (ou sistema colonial). Ela contribuiu para o delineamento das identidades que iriam coabitar este mundo colonial; para a institucionalização da língua e da cultura do colonizador em território colonizado. Neste contexto, encontraram-se indivíduos de indivíduos de universos culturais distintos, mas com uma diferença bastante definida: a superioridade do colonizador - que é quem ensina, quem organiza, quem se veste melhor, quem domina as tecnologias mais eficientes - em oposição à inferioridade do colonizado.

LA LECTURE LIÉE AU LANGAGE: A CAPA

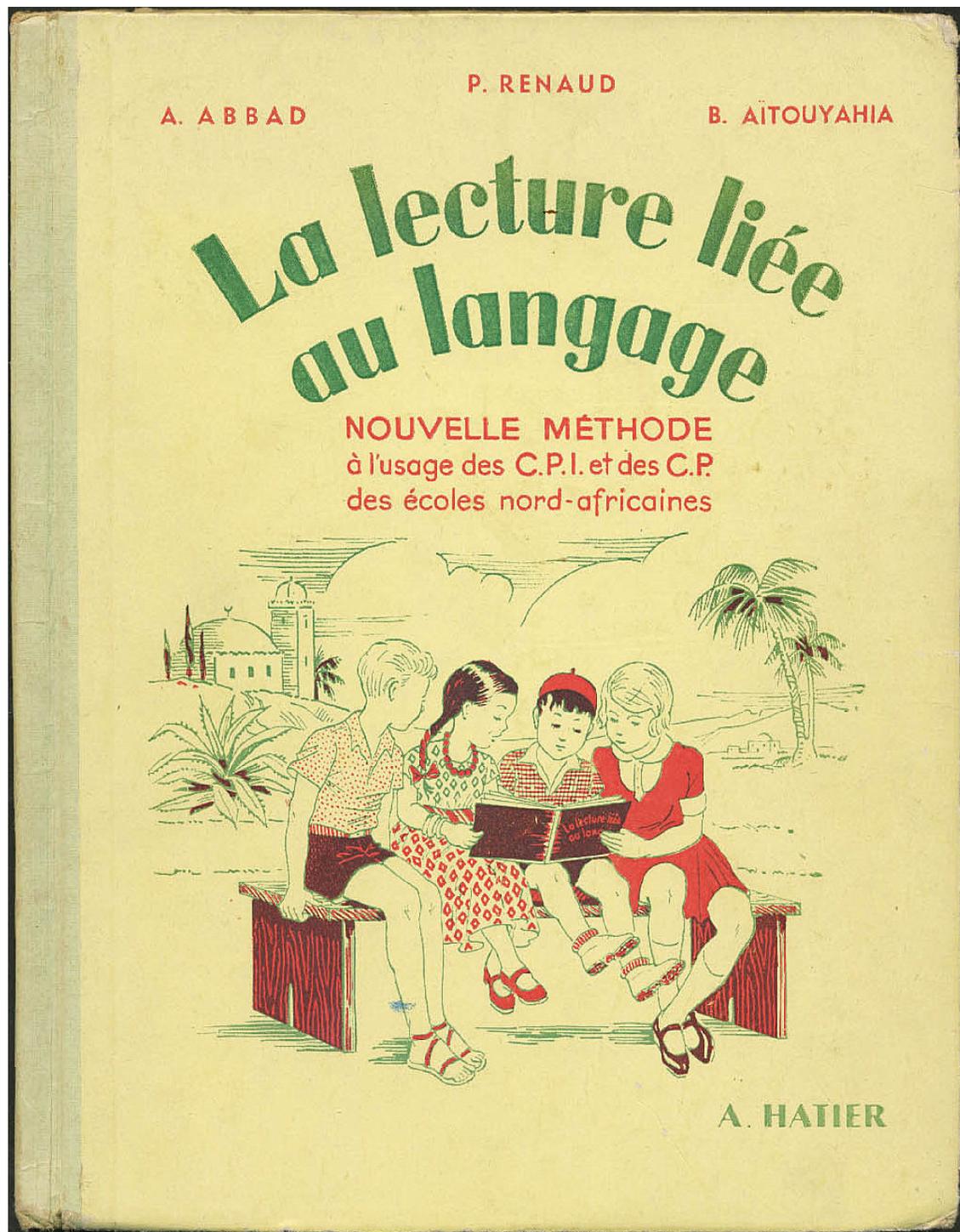


Figura 1 - La lecture liée au langage – 1952 - capa

As capas são um excelente material para a compreensão daquilo que se está querendo divulgar em seu interior dos livros - inclusive nos didáticos - já que freqüentemente resumem o que está contido no interior da obra. Na capa acima, do livro *La lecture liée au langage* - livro de leitura

datado de 1952, dois anos antes do início da guerra pela independência na Argélia - um grupo de crianças reúne-se em torno de um livro de leitura. Essas crianças, duas aparentemente de origem européia e duas de origem árabe, lêem juntas. O cenário da gravura remete a uma ambiência paradisíaca; a natureza está ao fundo associada à cultura: a mesquita com o minarete em destaque.

Estes signos, colocados logo na capa do livro refletem e refratam não somente a realidade: a importância dos mesmos para a sociedade argelina, mas também demonstram por parte do colonizador a intenção de aproximação e compreensão das práticas e dos valores do colonizado.

O menino árabe usa o *chechia*, um dos símbolos religiosos mulçumanos, e ocupa o centro da imagem, ao lado de Fátima, a menina também árabe, de tranças e roupas coloridas. Nas pontas do banco, as crianças européias, também com roupas leves e coloridas. No centro, convergindo todas as atenções, está o livro de leitura, em francês.

Nesta imagem, a convivência harmônica entre crianças de diferentes culturas, em um ambiente exótico/paradisíaco, que tem como o centro de tudo o livro de leitura, remete a uma idealização das relações em contextos coloniais. Na verdade, a harmonia representada não existe. Ela é mais o desejo de inculcação de uma harmonia, lembremo-nos do caráter militarista e violento da ocupação da Argélia pelo Império francês.

Na imagem não se vêem carros ou prédios, entretanto cabe ressaltar que a colonização francesa na Argélia inicia-se 70 anos antes da veiculação deste livro didático e que já havia no país ambiente urbanizado, mesclando-se a arquitetura árabe e a ocidental. Argel, por exemplo era um lugar híbrido no qual coexistiam ambas culturas: havia território árabe e território francês. Isso sinaliza a fixidez estereotipada que muitas vezes aparece nos discursos do colonizador sobre o colonizado: a opção freqüente de representar a colônia fixada em um tempo e um espaço remotos. Neste caso específico, a Argélia sendo negada enquanto civilização, ou melhor, representada como civilização a se construir por crianças unidas em torno de um livro em francês.



Figura 2 - La lecture liée au langage p.28.

Em uma das lições do livro *La lecture liée au langage*, Ali, o menino argelino, está indo para a escola. Os trajes são ocidentais: paletó listrado sobre uma camisa estilo “pólo”, bermuda, sapatos de cadarço. Nos livros didáticos dirigidos a crianças, a imagem frequentemente dialoga com um texto, o que dirige a leitura daquilo para aquilo que os produtores da obra pretendem que “seja visto” na imagem.

O texto que corresponde à imagem provoca-nos a pensar sobre ela: “Ali va a l'école tête nue”. Tendo como objetivo pedagógico trabalhar a letra “n” o livro remete ao fato de Ali não estar usando o *chechia*, ornamento masculino tradicional na cultura mulçumana, para ir a escola.

Se o *chechia* está na capa, ao longo do livro ele parece ir sendo não somente abandonado, mas desautorizado. Sabemos que aquilo que não está presente no discurso frequentemente enuncia tanto quanto o que está expresso, sendo assim, o *chechia* não está na segunda imagem, mas sua ausência, enunciada no texto pela expressão “tête nue” o torna uma presença, um interdito. Sua interdição representa a interdição de toda uma cultura, o que talvez torne-se necessário no processo de imposição de uma língua. O discurso tem como intenção desencorajar outros tantos Alis a usarem o *chechia* na escola. O caminho de assimilação da cultura do “outro” muitas vezes exige a alienação da nossa própria.

Faz parte do “processo civilizatório” a tentativa de fazer o colonizado abandonar os símbolos locais. Corresponde ao processo de transformação do “outro em um “mesmo”, em um igual. Ou melhor, faz parte do discurso da igualdade, quando sabemos na verdade é impossível haver igualdade entre

colonizador e colonizado. As relações coloniais têm a desigualdade e o racismo como princípio. É fundada nessas bases.

Não podemos deixar de pensar na França contemporânea, na qual os símbolos religiosos mulçumanos estão proibidos nas escolas públicas. Segundo Santos (2008), o pós-colonialismo tem duas acepções principais: a primeira que consiste em um período histórico que sucedeu a independência das colônias; e ainda “*de um conjunto de práticas (...) e de discursos que desconstroem a narrativa colonial, procurando substituir os produzidos do ponto de vista do colonizador*”. (p.233). Entretanto, um dos problemas dos estudos pós-coloniais repousa em seu prefixo: um “pós” que pode remeter-nos à equivocada idéia de que os processos colonialistas foram superados na contemporaneidade. Estamos certas de que as relações coloniais ainda ecoam e se perpetuam em tempos pós-coloniais e que uma das formas de compreender o “como isso se dá” é trabalhando com o material que foi produzido pelo império colonial para educar o colonizado.



Em uma outra lição do mesmo livro, um professor – de paletó e gravata – de modos e trajes ocidentais – aponta na sala de aula para Ali e Omar, dois meninos que estão à sua frente, sentados nos bancos escolares. Do lado de fora, uma menina com o véu olha para dentro da sala. A imagem representa uma aula na Cabília e a relação entre o mestre e os alunos evidencia mais uma vez tanto uma diferença cultural, quanto a hierarquia entre eles. Observemos que o professor está em um plano mais alto, atrás de uma mesa clássica e é quem fala enquanto os meninos observam em silêncio. Os alunos argelinos, também com modos e roupas ocidentais estão dentro da sala de aula, a pessoa que representa a cultura mulçumana – a moça com o véu -está na janela, olhando para dentro. Mais uma vez o cenário do lado de fora remete a uma natureza que se impõe. A janela é a fronteira entre a civilização e a barbárie: a primeira está do lado de dentro da sala de aula e a segunda do lado de fora. O texto não dá margem a confusões: “Voici Omar! Voici Ali” Os dois estão “dentro” da escola e da cultura. Aprendem a língua francesa, ouvem o que professor tem a dizer, vieram à escola sem seus chechias. Isso os coloca em um lugar diferente do da menina que se cobre com o véu. Assistimos aqui a um jogo de pertencimento/não-pertencimento bastante comum em contextos coloniais.

IN-CONCLUSÃO

Com este texto objetivamos trazer uma contribuição para se pensar os processos educativos, tão esclarecedores quando se trata de relações coloniais. Pretendemos demonstrar, através da leitura e análise de algumas páginas do material didático veiculado pela escola colonial francesa na Argélia, como esta escola estava muito mais preocupada em transformar cidadãos argelinos em cidadãos franceses de segunda categoria, para servir e não questionar esta servidão.

Porém, é claro que estes processos são complexos. Algumas questões para nós ainda permanecem. Em nosso ponto de vista a mais significativa delas diz respeito a guerra da independência que se instauraria nos anos seguintes àqueles em que estes livros eram usados. Para demonstrar que as relações não são tão simples, paradoxalmente, esses livros formaram os filhos daqueles que libertaram a Argélia e que mais tarde viriam garantir essa condição de liberdade, não abandonando completamente a língua francesa³. Se o colonizador se achava no direito de modificar o comportamento moral do colonizado, de fazê-lo trabalhar para si e a se submeter; o cidadão argelino vai aprender os meios jurídicos, políticos e filosóficos de denunciar a colonização, e mais do que isso, encorajar a vontade de independência desse país. Muitos argelinos tiveram inclusive dificuldade em negar o nacionalismo francês, como bem ilustra a epigrafe deste texto.

Um outro dado não pode ser esquecido: os árabes na Argélia, foram, antes do imperialismo francês, os colonizadores, já que invadiram o território dos povos berberes que ocupavam a região desde o século VII. Este conjunto de fatos demonstra que Este conjunto fatos demonstra que a análise de processos culturais exige que tenhamos atenção para a dinâmica da cultura para que nossa avaliação não pareça maniqueísta e simplificadora.

³ Em relação ao desenvolvimento da língua francesa na Argélia, Rabeh Sebaa, no livro “L’Algerie et la langue française- l’alterité partagée” vai chamar a atenção para o lugar que a língua francesa progressivamente acabou ocupando no tecido lingüístico argelino, diferentemente do que aconteceu em outros países vizinhos.

O material escolhido para a análise nos dá pistas importantes das relações entre colonizadores e colonizados; são registros do colonialismo muito úteis para compreender o mundo pós-colonial. A história não se repete, mas as vozes do passado continuam ecoando por muito tempo ainda nos ensinando sobre o presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAKHTIN, Mikhail. (Volochinov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucite, 2004.

GAULUPEAU, Yves. *Les Manuels par l'Image: pour une approche sérielle des contenus*. In: Revista *Histoire de l'Education*, no. 58, 1993.

GRUPO DE ESTUDOS SOBRE O PENSAMENTO POLÍTICO AFRICANO DO CEAA. *Notas sobre o pensamento de Frantz Fanon*. Cadernos Candido Mendes. Estudos Afro-asiáticos, número 5, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 1981.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo – para uma nova cultura política*. 2ª edição. São Paulo, Cortez, 2008.